

# Entrevista com Stephan Lewandowsky

Hesley Machado Silva<sup>1,2</sup>

<sup>1</sup> Centro Universitário de Formiga – MG (UNIFOR-MG), Formiga, Minas Gerais, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Ibirité, Minas Gerais, Brasil.



*É com grande satisfação que apresentamos esta entrevista exclusiva com Stephan Lewandowsky, uma das vozes mais influentes no estudo contemporâneo da cognição humana, da desinformação e dos desafios sociais da ciência na era digital. Professor na School of Psychological Science da University of Bristol (Reino Unido), Lewandowsky construiu uma carreira*

*marcada pela combinação rara entre rigor teórico, sofisticação metodológica e forte compromisso público com a defesa da racionalidade, da democracia e da integridade do debate científico. Sua trajetória acadêmica é amplamente reconhecida internacionalmente, refletindo-se em centenas de publicações em periódicos de prestígio que abrangem desde a modelagem computacional da memória até investigações sobre negacionismo, teorias conspiratórias e aceitação de evidências científicas. Lewandowsky lidera importantes projetos transnacionais dedicados a compreender e mitigar a propagação de desinformação, o impacto da arquitetura digital sobre o comportamento humano e as ameaças emergentes à autonomia individual e ao espaço informacional democrático. Suas contribuições incluem ainda pesquisas*

*pioneiras sobre inoculação cognitiva, aprendizagem baseada em refutação e persistência de falsas crenças, hoje indispensáveis para quem investiga temas como hesitação vacinal, mudanças climáticas e polarização política. Nesta entrevista, Lewandowsky revisita questões fundamentais para o século XXI: por que tantas pessoas rejeitam evidências científicas robustas? Como mitos, rumores e narrativas conspiratórias se instalam e resistem a correções? De que forma algoritmos, plataformas digitais e dinâmicas emocionais moldam nossa percepção do mundo? E quais caminhos se apresentam para a educação, as políticas públicas e a formação de novos pesquisadores diante de um ambiente marcado pela pós-verdade e pela crise da informação?*

1 - Considerando sua vasta produção sobre cognição, desinformação e aceitação da ciência, por que tantas pessoas — especialmente em contextos nos quais esse fenômeno assume contornos particularmente críticos, como no Brasil — continuam a rejeitar conclusões científicas amplamente consolidadas, mesmo quando expostas a evidências robustas sobre temas como mudanças climáticas e vacinação? Quais mecanismos cognitivos, sociais e políticos ajudam a explicar essa resistência à evidência científica?

Existem diversas variáveis que explicam a resistência às evidências científicas. Em muitos países e contextos, a variável mais importante tem sido a visão de

mundo pessoal ou a ideologia das pessoas. Há muitas evidências de que indivíduos posicionados politicamente à direita são mais propensos a resistir às evidências científicas do que aqueles à esquerda. Isso é facilmente explicável se considerarmos o impacto das evidências científicas: por exemplo, as descobertas da ciência do clima apresentam um forte impulso para mudar a forma como organizamos nossas economias, tornando-as mais sustentáveis, mas essa mudança não pode ser alcançada sem regulação, novas políticas ou mesmo impostos. E essas medidas representam uma ameaça séria para pessoas situadas à direita no espectro político. De modo semelhante, medidas de saúde pública, como vacinação ou uso de

máscaras, funcionam melhor quando aplicadas de forma ampla e coletiva. E isso interfere na escolha individual, sendo, portanto, novamente percebido como uma ameaça por pessoas posicionadas politicamente à direita.

2 - Os seus diversos projetos investigando a disseminação de desinformação e a persistência de crenças falsas revelam um campo metodologicamente complexo e em rápida transformação. Quais são, em sua avaliação, os maiores desafios para pesquisar esse fenômeno em um ambiente digital tão dinâmico? Poderia destacar alguns dos achados mais significativos que suas investigações produziram até agora?

O maior desafio que os pesquisadores enfrentam atualmente é a relutância e, em alguns casos, a recusa explícita, das plataformas em disponibilizar dados críticos para a pesquisa. Por exemplo, não é possível auditar plenamente os algoritmos das plataformas para determinar o que eles fazem sem acesso aos seus dados. Sempre que os

pesquisadores conseguem examinar esses algoritmos, os resultados são muito preocupantes: a plataforma X está claramente destacando conteúdos extremos (em particular material de extrema direita), com consequências adversas demonstráveis sobre o estado emocional das pessoas.

3 - Entre os resultados acumulados por suas pesquisas sobre *fake news* e teorias conspiratórias, quais descobertas considera mais centrais para compreender por que certos mitos persistem, mesmo após correções claras? Houve algo particularmente surpreendente ao longo dessas investigações? E, diante desse panorama, que estratégias se mostram mais promissoras para mitigar o impacto da desinformação?

Há dois achados que considero mais importantes de compreender: primeiro, a mera repetição de uma informação faz com que ela pareça mais verdadeira, independentemente de seu valor real de verdade. Segundo, por padrão, as pessoas tendem a acreditar em tudo o que ouvem, e

“descolar” a desinformação (ou seja, corrigir crenças falsas já estabelecidas) é difícil. Existem duas maneiras de lidar com isso. A primeira é chamada de *prebunking* ou inoculação e consiste em informar as pessoas, antecipadamente, sobre como elas podem ser enganadas antes de entrarem em contato com a desinformação. Isso demonstrou torná-las mais resistentes a serem enganadas. A segunda consiste em explicar às pessoas, após terem sido expostas à desinformação, por que ela é incorreta, apresentando uma visão alternativa do mundo sem a informação falsa. Quando se fornece uma explicação alternativa, as pessoas têm muito mais probabilidade de abandonar a informação falsa inicial.

4 - O *Oxford Dictionary* tem escolhido palavras que refletem tensões contemporâneas; como “rage bait”, em 2025, e “brain rot”, em 2024; ambas profundamente conectadas ao consumo excessivo de conteúdo digital, à indignação performativa e à deterioração da atenção. Como você interpreta essas escolhas à luz de suas pesquisas sobre desinformação,

arquitetura informacional online e comportamento em plataformas digitais?

Acho que esses termos são bastante adequados e capturam bem o que está acontecendo online na economia da atenção. A atenção humana é enviesada em direção a estímulos que evocam indignação e medo, e as plataformas exploram isso para manter as pessoas engajadas por mais tempo, de modo que possam ganhar mais dinheiro.

5 - As estratégias de “inoculação cognitiva” e de correção baseada em refutação (*debunking*), amplamente discutidas em seus trabalhos, vêm ganhando força como ferramentas educacionais. De que maneiras o campo da educação, tanto escola básica quanto universitária, pode-se integrar essas abordagens de forma sistemática para enfrentar a desinformação e fortalecer o pensamento crítico?

Acho que precisamos ensinar uma variedade de técnicas desde cedo (ou seja, já no ensino fundamental). Entre elas estão as habilidades para

detectar retóricas enganosas, saber como verificar a veracidade do conteúdo (por exemplo, por meio da leitura lateral) e, talvez, o mais importante, saber o que ignorar. Há muito mais informação disponível do que os seres humanos podem processar de forma razoável, e uma das competências mais importantes para o século XXI é saber o que ignorar.

6 - A partir de suas pesquisas sobre pós-verdade, polarização e negacionismo científico, como você avalia as implicações políticas, sociais e éticas desse ambiente informacional volátil, especialmente em momentos de crise como a pandemia de covid-19 ou diante dos desafios do aquecimento global? Há riscos emergentes que a sociedade ainda subestima?

Acho que há evidências suficientes de que o ecossistema de informação on-line, tal como é atualmente projetado e governado, apresenta riscos graves para as sociedades, desde os efeitos sobre a saúde mental dos jovens até o enfraquecimento da democracia,

estamos diante de inúmeros riscos que precisam ser geridos. Muitos, mas infelizmente não todos, políticos e formuladores de políticas públicas reconheceram isso.

7 - Em seus estudos sobre memória e revisão de crenças, você examina como (e sob quais condições) as pessoas atualizam informações previamente internalizadas. Como suas pesquisas iluminam o processo pelo qual indivíduos mantêm ou abandonam crenças falsas diante de correções? E de que forma as *fake news* e narrativas conspiratórias ajudam a compreender quando essa atualização falha?

Há uma dificuldade fundamental que os seres humanos têm em processar correções e até mesmo negações simples. Por exemplo, se eu descrevo alguém como “não alto”, as pessoas têm mais dificuldade em compreender isso do que quando descrevo a mesma pessoa como “baixo”. Isso não tem nada a ver com teorias da conspiração ou desinformação; é simplesmente uma característica

do que significa ser humano. No entanto, essa dificuldade é potencializada pela desinformação, porque as pessoas têm dificuldade em processar o fato de que algo é falso, elas podem saber que é falso, mas ainda assim recorrer a essa informação em outros contextos, porque uma correção não faz a informação desaparecer.

**8 - Sua obra integra psicologia cognitiva, ciência da comunicação e estudos sociais da tecnologia em uma perspectiva altamente interdisciplinar. Se você pudesse orientar jovens pesquisadores sobre quais temas emergentes dentro desses campos tendem a ganhar centralidade nos próximos anos, quais apontaria, e por quê?**

Acho que as análises de big data e de redes se tornarão cada vez mais proeminentes, e, portanto, competências que combinem conhecimentos sobre sistemas complexos com ciência cognitiva serão muito atraentes.

**9 - Você tem coordenado e participado de numerosos projetos internacionais envolvendo equipes multidisciplinares e temas de forte**

**repercussão social. Quais recomendações ofereceria a jovens acadêmicos interessados em se inserir na pesquisa transnacional e em projetos colaborativos de grande escala?**

Sempre fui muito aberto em minhas interações com outras pessoas e gostei de conversar com pesquisadores, compartilhando meus dados e ideias. Para mim, isso trouxe enormes benefícios. Ao mesmo tempo, também aprendi a me tornar resiliente às críticas, especialmente daquelas pessoas que se opõem ao meu trabalho por razões ideológicas. Isso faz parte do jogo: se você faz um trabalho que realmente importa, algumas pessoas o atacam, porque suas evidências são inconvenientes para seus lucros ou para suas agendas políticas.

**10 - Sua trajetória inclui um volume expressivo de publicações em periódicos de grande prestígio, além de livros e capítulos amplamente citados. Que orientações você daria a jovens pesquisadores que desejam construir uma produção científica consistente e de alto impacto? E,**

aproveitando sua experiência formativa, quais características você valoriza em estudantes de mestrado e doutorado que desejam ser orientados por você?

Meu conselho seria buscar qualidade, mesmo que isso seja difícil e leve mais tempo. Para mim, as qualidades mais importantes dos estudantes são, em primeiro lugar, a curiosidade natural e a motivação para investigar e aprofundar-se nos temas, e, em segundo, possuir competências quantitativas (isto é, estatística, programação e, de modo geral, tecnologias da informação). Também é necessário ser organizado, disciplinado e metuculoso, o que implica registrar as atividades, planejar reuniões e estruturar o trabalho de forma sistemática. Mas, no cerne de tudo, deve haver motivação e curiosidade. A ciência não é apenas um trabalho, é uma paixão.